

11. Anexos

Catálogo

1. Ermita de la Piedad, Mérida

Ano da descoberta

1980

Dimensões

5,83m x 4,72m

Orfeu

A figura de Orfeu situa-se no interior de um octógono de lados côncavos, não superior ao restante esquema compositivo. A sua postura é sedente, sobre uma rocha, com parte do corpo coberto com uma túnica e manto de tonalidade amarelada. Os pés do músico são figurados de uma maneira muito esquemática, descansando sobre uma porção de terreno. O tipo iconográfico de Orfeu é o frígio, ou seja, o músico apresenta-se vestido com túnica e manto, com uma espécie de barrete na cabeça e calçando os tradicionais *calcei*. A lira encontra-se à sua esquerda. Esta possui sete cordas, cujos paralelos, só encontramos nas liras dos mosaicos de Zaragoza e “El Pesquero”. Em espaços iguais mas independentes, dentro de figuras geométricas - círculos, semicírculos e polígonos - encontram-se os vários animais.

Envolvência

O pavimento da Ermita de la Piedad, possui um largo número de aves das mais variadas espécies, assim como alguns quadrúpedes, entre os quais uma leoa e um lobo. A leoa encontra-se de tal forma magnificamente executada, que é para nós motivo de destaque. Tal como a presença de um grifo, que por ser um animal fantástico, é presença inesperada.

Paralelos

Mosaico de Orfeu de La Alberca (Múrcia).

Cronologia

Século. III d.C.

Tipologia

Tipo I a, de Stern

Bibliografía

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

2. Parador Nacional de Turismo, Mérida

Ano da descoberta

N/I

Dimensões

2,50m x 1,40m

Orfeu

Por pertencer à mesma tipologia que o pavimento da Ermita de la Piedad, encontramos neste mosaico muitas das características típicas quer de Orfeu, quer da sua envolvência. Todavia há particularidades que se destacam de mosaico para mosaico, independentemente de pertencerem a um mesmo quadro tipológico. Os animais já não se encontram dentro de círculos ou semicírculos, dentro destes encontramos elementos vegetais.

Envolvência

A fauna é constituída por aves das mais variadas espécies, e quadrúpedes dos quais se destaca a presença de um leão, que numa primeira impressão, e sem qualquer recurso a uma análise estilística mais aprofundada, encontraríamos pictoricamente uma comparação com o tigre que integra o cortejo báquico, em Torre de Palma, Monforte.

Paralelos

N/I

Cronologia

Século III d.C.

Tipologia

I a de Stern

Bibliografia:

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

3. Travesía Pedro Maria Plano, Mérida

Ano da descoberta

1983

Dimensões

10,60m x 4, 20m

Orfeu

Realizado na sua maioria com uma técnica bicroma, somente em determinados detalhes se nota o emprego de tesselas em cerâmica e outras em pasta vítrea azulada. Este pavimento compreendia diversos motivos: banda de enlace, cena nilótica, motivo cinegético e uma cena de vindima que rodeia o painel central que é onde se encontra Orfeu. Tal como nos restantes pavimentos peninsulares, Orfeu é representado no estilo frígio, no qual o manto e túnica em seu redor, o barrete e as sandálias estão sempre presentes. Todavia no pavimento de Pedro María Plano o músico não se encontra apoiado numa rocha, mas sim num banco, e não se encontra ladeado por duas árvores, como é comum nas representações nas quais figura. Outra das particularidades está exposta no comprimento da túnica, que contrariamente à dos outros pavimentos, neste é curta, cingindo-se ao corpo por meio de um *cingulum* (cujos pavimentos de Zaragoza, e “El Pesquero também têm).

Envolvência

Relativamente ao grupo de animais que o acompanha, estes encontram-se distribuídos de uma maneira heráldica - por grupos - e num esquema de círculos concêntricos nos quais se distribuem. Orfeu encontra-se no interior de um destes círculos. Destes grupos constam: uma raposa, um coelho, um felino, um javali, um elefante, um escorpião, para além de um numeroso grupo de aves, que por norma, estão representados em número singular quer a nível quantitativo quer qualitativo. Há neste pavimento uma clara intenção de fazer representar um plano cenográfico, cuja posição da árvore demarca claramente os espaços.

Paralelos

Mosaico de Newton St.Loe e Withigton

Cronologia

Século IV d.C.

Tipologia

Tipo III a de Smith

Bibliografía

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

4. Santa Marta de los Barros, Badajoz

Ano da descoberta

1925

Dimensões

N/I

Orfeu

Mélida, que chegou a conhecer o pavimento e publicou fotografias do mosaico, (tal como Viniegra), descreve a cena da seguinte forma: *El Príncipe Tracio aparece sentado, con la pierna derecha extendida en graciosa actitud y teniendo su lira de múltiples cuerdas en el lado izquierdo, sobre un soporte; lleva gorro frigio, túnica y clámide abrochada sobre el hombro derecho. A él acuden y le rodean un ciervo, una pantera, aves y peces... La labor del mosaico es fina... Predominan los colores blanco, negro y ocre y lo esmaltan el rojo, verde, azul en piedras o pastas vítreas, con lo que se consiguen bellos efectos*

Envolvência

A ausência de árvores demarcando a figura de Orfeu , é notória. Tal como o enquadramento dos animais que se colocam agora em dois sectores, rodeando a figura do músico.

Paralelos

Mosaicos de “El Pesquero”, em Badajoz (Espanha) e “Fattoria d’Orfeo” de Leptis Magna. (Líbia)

Cronologia

Época pós-constantiniana.

Tipologia

Tipo II b

Bibliografía:

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1976) – La villa romana de “La Atalaya” en Santa Marta de los Barros (Badajoz). In *V Congreso de Estudios Extremeños*. Badajoz: 133ss.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

5. “El Pesquero”, Badajoz

Ano da descoberta

1984

Dimensões

3,80m x3,20m

Orfeu

O tipo iconográfico de Orfeu é o frígio, vestido com túnica e manto, usando barrete e calçando as sandálias típicas – *calcei*. A túnica comprida, como as demais, excetuando a do mosaico de Pedro María Plano, tem os típicos bordados, *segmenta* e *orbiculi*., assim como o *cingulum*. A sua atitude sedenta, como já havíamos referido, é idêntica em todos os pavimentos analisados, sendo que no presente mosaico o que difere é o local onde se Orfeu se apoia, que neste caso tal como na Ermita de la Piedad e Zaragoza, é uma rocha. A lira possui apenas quatro cordas.

Envolvência

Em torno da figura do músico, dividido por dois sectores, encontra-se o conjunto de animais, entre os quais aves, elefante, tartaruga, serpente, destacando-se a presença de um animal fantástico - a esfinge.

Paralelos

N/I

Cronologia

Século. IV d.C.

Tipologia

II b de Stern

Bibliografia

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

6. Arneiro, Leiria

Ano da descoberta

1902

Dimensões

N/I

Orfeu

O músico apresenta-se como lhe é característico nos pavimentos que temos vindo a analisar, com túnica e manto, barrete frígio e sandálias, sobre uma rocha. A sua atitude sedente é uma constante nos pavimentos que representam Orfeu a encantar os animais.

Envolvência

Os animais que rodeiam a figura do músico, são: lobo, o javali; a raposa, o gamo, uma pantera, um veado e um alce. Nos quatro cantos do pavimento encontram-se quatro figuras respetivamente, as quais representam as Estações.

Paralelos

Mosaico de Jerusalém.

Cronologia

Finais do século III, inícios do IV d.C.

Tipologia

Tipo II c de Stern.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988a) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

BALIL, A. (1980) – Notas sobre os mosaicos do Arneiro (Arnal-Leiria). *Estudios sobre mosaicos romanos: II*. Valladolid: Universidad, Departamento de Prehistoria y Arqueología (Studia Archeologica; 59), p.17-23.

BERNARDES, J.P. (2005-2006) – Entre Romanos e Medievos: o problema de povoamento de região de Leiria durante a Idade Média. In: *Arquipélago – História*, Revista de V. dos Açores, 2ª série, vols. IX-X, Ponte Delgada, pp.567-580.

BLANCO FREIJEIRO, A. (1978a) – *Mosaicos romanos de Mérida*. Madrid: Instituto Español de Arqueología “Rodrigo Caro” del Consejo Superior de Investigaciones Científicas

CRISTINO, L.C. (1995) – Para a história do mosaico romano ‘Orfeu I’ de Maceira. In *II Colóquio sobre história de Leiria e sua região (Leiria, 29 e 30 de Novembro 1991): actas*. Leiria: Câmara Municipal. Vol.I, p.179-201.

DOUGUÉDROIT, M.C.M. de S. (1964) – Os mosaicos do Arneiro (Arnal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série. 4, p.461-474.

7. Martim Gil, Leiria

Ano da descoberta

N/I

Dimensões

9m x 4,20m

Orfeu

O músico veste túnica e manto de tonalidade encarnada, não sendo contudo perceptível o barrete frígio que o caracteriza, pois a parte superior da figura de Orfeu neste pavimento encontra-se bastante deteriorada.

Envolvência

Orfeu encontra-se ao centro tocando a lira de quatro cordas; sendo que os animais que o acompanham são aves (dos mais variados tipos), um veado, um cão, uma garça, um tigre, um leão, uma possível pomba junto a um ramo de árvore, um pavão, entre outros.

Paralelos

N/I

Cronologia

2ª metade do século IV d.C.

Tipologia

tipo II b

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988a) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990a) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990b) - La iconografía de Orfeo en los mosaicos hispanos romanos. In *Mosaicos romanos. Estudios sobre iconografía. Actas del Homenaje in memoriam Alberto Balil*, Guadalajara, pp. 29-59.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1994c) – Nuevos documentos para la iconografía de Orfeo en la musivaria hispanoromana. *V Colloque sur la Mosaique Greco-Romaine, Bath 1987*. Ann Arbor, 1994, pp. 221 ss.

KUZNETSOVA-RESENDE, T. (2002) – Dois mosaicos do Baixo-Império. O Orfeu de Martim Gil e o Cortejo Báquico de Torre de Palma. In *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 289-292.

SERPA PINTO, R. (1934) – Inventário dos Mosaicos Romanos de Portugal. In *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, I*, Madrid, pp. 161-179.

8. Calle Holguín, Mérida

Ano da descoberta

1982

Dimensões

N/I

Temática

O mosaico representa uma das mais célebres cenas da *Ilíada*, “a cólera de Aquiles” na qual se assiste à disputa frontal de Aquiles e Agamémnon por Briseida representada segundo outros moldes que não o modelo tradicional. No pavimento podemos observar que a cena está cenograficamente dividida em duas partes, revelando precisamente que uma é posterior à outra, e que uma é causa da outra. Nele podemos ver os sete sábios da Grécia devidamente identificados com o respetivo nome em grego, reunidos em *symposium*. Verificamos que na ábside aparecem as figuras de Quilón e Tales, sendo que na direita e esquerda da composição figuram por esta ordem: Bias de Prienne, Periandro de Corinto, Cleobulo de Lindos na fila da direita, e Solón de Atenas e Pítaco de Mitilene na esquerda. Num plano inferior, observarmos o episódio homérico, onde constam quatro personagens, três homens e uma mulher, que foram identificados como sendo Aquiles, Agamémnon, Ulisses e Briseida

Paralelos

Como paralelos ao mosaico de Mérida, temos o mosaico de Torre Annunziata, o de Sarsina, assim como o do “Palazzo dei Ceisari” de Ostia

Cronologia

Século IV d.C.

Bibliografia

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1988) – El mosaico de los Siete Sabios hallado en Mérida. *Anas I*, pp. 99-120.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (1990) – *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Mérida: Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 4)

LANCHA, J. (1997) – *Mosaïque et culture dans l'Occident Romaine. Ier – Ive s.*, L'Erma di Bretschneider, Roma.

LÓPEZ MONTEAGUDO, G. (1996) – Los sábios y la ciência en los mosaicos romanos. In: *L'Africa romana XI*, pp.90-91.

MORAND, I. (1994) – *Ideologie, Culture et Spiritualité – chez les propriétaires ruraux de l'Hispanie romaine*. Publications du Centre Pierre Paris, De Boccard

ROCHA PEREIRA, M.H. (2003) – Estudos de História da Cultura Clássica. I volume – Cultura Grega, 9ªed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 47-152, 314-320, 539-542.

9. Santa Vitória do Ameixial, Estremoz

Ano da descoberta

1915

Dimensões

N/I

Temática

Todo o mosaico tem um claro contexto marinho, incluindo o seu assunto principal, embora não central, ou seja, o painel representativo do canto XII da *Odisseia*: Numa das laterais observamos o painel com o episódio de “Ulisses e as Sereias”, o qual pela sua execução perfeita não deixa margem para dúvidas. No centro deste mosaico encontramos seres fantásticos tais como as sereias e hipocentauros. Esta temática adequa-se na perfeição ao local onde o pavimento estava inserido, pois tratava-se do *frigidarium*.

Paralelos

O paralelo mais próximo encontramos-lo no mosaico de Henchir Thina, no Norte de África

Cronologia

Finais do século III, princípios do IV d.C.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Armis & Phillips.

CARNEIRO, A. (2011) – *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Lugares, tempos e pessoas. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Universidade de Évora. 2vols.

CHAVES, L. (1922) – Latifúndio de romanos no Alentejo. Uma *villa* romana. In: *Boletim da Associação da Agricultura Portuguesa*. Lisboa: 4 Abril, 1922.sep.

CHAVES, L. (1956) – Estudos lusitano-romanos. A *villa* de Santa Vitória do Ameixial: escavações em 1915-16. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 30 (1938), p.14-117.

GOMES, S; MACEDO, M.; LOPES, S. (2000) – Apresentação dos trabalhos arqueológicos de 1997 na *villa* de Santa Vitória do Ameixial. In *(Era) Arqueologia*. Lisboa: 1, p.52-67.

TORRES CARO, M. (1978) – La escena de Ulises y las Sirenas del mosaico de Santa Vitória (Portugal) in *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, tomo XLIV, Universidad de Valladolid, Facultad de Filosofía e Letras, Valladolid, pp. 89-102.

10. Alter do Chão, Portalegre

Ano da descoberta

2007 (o mosaico em questão concretamente, visto o presente sítio arqueológico ter sido alvo de escavações anteriores)

Dimensões

8,21m x 6,79m

Temática

O mosaico do Ferragial d'El-Rei, em Alter do Chão, representa o canto XII da *Eneida*- a penúltima cena narrada da obra literária de Virgílio, a qual ilustra o célebre momento em que o rei *Turnus* reconhece a legitimidade de Eneias como o fundador de Roma. A estância onde este mosaico está inserido seria apelidada de “Casa da Medusa”, devido à presença desta figura mitológica no escudo que Eneias segura. Todavia, a figura de Medusa não se enquadra nos padrões tradicionais da sua figura, tem apenas um valor profilático.

Paralelos

N/I

Cronologia

Século IV d.C.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips.

CAETANO, M.T; MOURÃO, C. (2011) – A “Portrait” of Book XII of the *Aeneid*: the Mosaic from the «House of Medusa» (Alter do Chão, Portugal). In: *Mosaics of Turkey and Parallel Developments in the Rest of Ancient and Medieval World: Questions of Iconography, Style and Technique from the Beginnings of Mosaic until the Late Byzantine Era*. 11th International Colloquium on Ancient Mosaics. October 16th -20th , 2009, Bursa Turkey.

CARNEIRO, A. (2003) – *Itinerários Romanos do Alentejo – uma releitura de “As grandes vias da Lusitânia – o itinerário de Antonino Pio” de Mario Saa, cinquenta anos depois.* Lisboa: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

SAA, M. (1960) – *As Grandes Vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio (vol.3).* Lisboa: Sociedade Astória, 3ºvol.

N/I= Não Identificado.